



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LOHANA VIVIA DE ALMEIDA BANDEIRA

TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: LEITURA DE
***A FADA QUE TINHA IDEIAS*, DE FERNANDA LOPES DE ALMEIDA**

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2023

LOHANA VIVIA DE ALMEIDA BANDEIRA

**TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: LEITURA DE
A FADA QUE TINHA IDEIAS, DE FERNANDA LOPES DE ALMEIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

orientadora: Profa. Dra. Vaneide Lima Silva.

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B214t Bandeira, Lohana Vivia de Almeida.
Tradição e modernidade na literatura infantojuvenil: leitura de "A Fada Que Tinha Ideias", de Fernanda Lopes de Almeida. [manuscrito] / Lohana Vivia de Almeida Bandeira. - 2023.
35 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

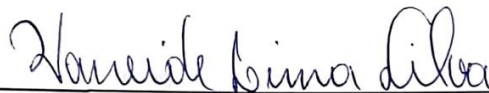
1. Narrativa Infantil. 2. Fernanda Lopes de Almeida. 3. Tradição. 4. Modernidade. I. Título

21. ed. CDD 401.41

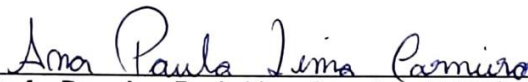
LOHANA VIVIA DE ALMEIDA BANDEIRA

**TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: LEITURA DE
A FADA QUE TINHA IDEIAS, DE FERNANDA LOPES DE ALMEIDA**

APROVADO EM: 30 de novembro de 2023.



Profa. Dra. Vaneide Lima Silva - UEPB/CAMPUS IV
ORIENTADORA



Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro - UEPB/CAMPUS IV
EXAMINADORA



Prof. Jordânia Dantas Freire - UEPB/CAMPUS IV
EXAMINADORA

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2023

A Deus primeiramente, à minha família, aos amigos e, enfim, a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para realização e conclusão deste sonho.

Dedico.

“Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais seu caráter”.

(Bruno Bettelheim)

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização desta pesquisa, e por ter sido a minha base nos momentos em que me sentia sozinha e fraca. Por nunca ter me desamparado e não me permitir perder a fé, principalmente nas horas em que precisei calar para não desabar ou quando achava que não iria conseguir dar conta de tanto obstáculo de uma só vez, a Ele toda a glória e honra.

Em segundo, agradeço aos meus pais Valcleide e Jorge, por terem acreditado nesse sonho junto comigo, se empenhado durante esses anos e arcado com todas as despesas para que nada pudesse me faltar. Em especial, a minha mãe, que foi a minha fonte de inspiração e fortaleza, para que eu não desistisse, se fazendo presente nos momentos que mais precisei. Agradecer também a minha vó Valmira e meu irmão João Victor, que contribuíram de forma significativa.

Em terceiro, agradeço a mim mesma, por ter sido tão forte, por ter superado coisas e momentos que jamais tinha passado antes, e ter descoberto uma força gigante para enfrentar medos e dificuldades que, de certa forma, me fizeram chegar até aqui.

Agradeço e deixo a minha total admiração aos professores que passaram por essa fase comigo e que, de certa forma, ficaram marcados em mim, em especial, quero destacar a Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, minha orientadora nessa pesquisa, que foi a responsável por ter feito eu me encantar pelo universo da literatura infantil, sendo um exemplo de professora e classe dentro da sala de aula.

Quero agradecer ainda aos meus colegas de sala, de apartamento e de vida Amanda, Kakah, João e Gisele, por terem dividido esses momentos comigo, fazendo com que o peso dessa caminhada se tornasse mais leve e descontraída, por em diversos momentos de desânimo, terem sido porta de refúgio quando as coisas apertavam, não só na vida universitária. A eles desejo todo o sucesso.

Agradeço ainda aos meus amigos Lara e Lucas que mesmo não estando perto em alguns momentos, sempre se faziam presente por outros meios, oferecendo apoio e incentivo e sendo refúgio quando precisei. A eles minha gratidão.

Por fim, agradeço a todos que torceram por esta conquista, e que, de qualquer modo, puderam contribuir nesse período, até mesmo com palavras de apoio. Agradeço ainda a todo corpo docente da UEPB/*Campus IV*, bem como aos funcionários que compõem essa instituição, pela colaboração e gentileza.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal fazer uma análise da narrativa infantil intitulada *A Fada Que Tinha Ideias* (1971), da autoria de Fernanda Lopes de Almeida, buscando identificar marcas dos contos de fadas tradicionais (justificando assim, o que denominamos de tradição no título desta pesquisa), presentes no enredo da obra, bem como mostrar, de que maneira a autora rompe com essa tradição, evidenciando, desse modo, a modernidade em seu texto. Trata-se, do ponto de vista metodológico, de uma pesquisa de caráter bibliográfico, que se apoia teoricamente em estudos voltados para a história da Literatura InfantoJuvenil, a partir de Cunha (2006), Lajolo & Zilberman (2007), passando por autores que se debruçam sobre as especificidades dos Contos de fadas, daí a referência a Abramovich (2006), dentre outras obras e trabalhos acadêmicos que se debruçam sobre a obra da autora. A análise do livro de Fernanda Lopes de Almeida nos permitiu identificar que a obra não apenas se conecta à tradição dos contos de fadas, mas também introduz elementos inovadores que rompem com essa tradição. Por fim, foi possível concluir que as inovações na linguagem, no estilo da narrativa, na desconstrução de estereótipos e na abordagem de temas contemporâneos, utilizadas pela autora, tendem a contribuir de maneira significativa para a formação do leitor infantil e juvenil, e para melhor compreensão de seu mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa Infantil; Fernanda Lopes de Almeida; Tradição; Modernidade.

ABSTRACT

The main aim of this research is to analyze the children's narrative *A Fada Que Tinha Ideias* (The Fairy Who Had Ideas) (1971), by Fernanda Lopes de Almeida, in order to identify the marks of traditional fairy tales (thus justifying what we call tradition in the title of this research), present in the plot of the work, as well as to show how the author breaks with this tradition, thus showing modernity in her text. From a methodological point of view, this is a bibliographical study, which is theoretically based on studies on the history of Children's Literature, starting with Cunha (2006), Lajolo & Zilberman (2007), as well as authors who focus on the specificities of fairy tales, hence the reference to Abramovich (2006), among other works and academic papers that focus on the author's work. The analysis of Fernanda Lopes de Almeida's book allowed us to identify that the work not only connects to the tradition of fairy tales, but also introduces innovative elements that break with this tradition. Finally, it was possible to conclude that the innovations in language, narrative style, deconstruction of stereotypes and approach to contemporary themes used by the author tend to make a significant contribution to the education of children and young readers and to a better understanding of their world.

KEYWORDS: Children's narrative; Fernanda Lopes de Almeida; Tradition; Modernity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA NARRATIVA	13
2.1	Algumas especificidades da narrativa voltada para crianças e jovens	14
2.2	A respeito dos contos de fadas	17
3	A PRESENÇA DE FERNANDA LOPES DE ALMEIDA NO CONTEXTO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL	20
3.1	Fernanda Lopes de Almeida e a importância de sua obra para formação de leitores	23
4	TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: LEITURA DE <i>A FADA QUE TINHA IDEIAS</i>, DE FERNANDA LOPES DE ALMEIDA	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetiva analisar a narrativa *A fada que tinha ideias* (1971), de Fernanda Lopes de Almeida, procurando identificar as marcas do gênero conto de fadas presentes na obra, como também busca perceber, de que maneira, a autora rompe com essa tradição literária, revelando a modernidade de seu texto. O interesse por essa obra surge ao longo da disciplina “Literatura InfantoJuvenil”, oferecida pelo Curso de Letras, do Departamento de Letras e Humanidades/CCHA/*Campus IV*, oportunidade em que entramos em contato com variados autores da narrativa voltada para crianças e jovens.

Acostumados com aquele velho roteiro dos contos de fadas em geral, em que existe uma princesa, um príncipe, um(a) vilão/vilã, fadas meigas que estão ali somente para fazer mágicas simples, como aparecer e desaparecer e, quase sempre, são rotuladas como fada madrinhãs do personagem principal, nos surpreendemos com a narrativa de Fernanda Lopes de Almeida. Cujo enredo nos apresenta uma fadinha ainda criança, que evidencia uma forte personalidade e que encontra soluções bastante divertidas para os problemas enfrentados ao longo da narrativa.

Ocorre que a autora nos coloca diante de um personagem clássico dos contos de fadas tradicionais, a fada, mas com características tipicamente modernas, pois a protagonista é uma menina com comportamento bastante avançado para a época, justificando-se o título desse trabalho, que se propõe, dentre outros aspectos, a apontar os traços de emancipação de Clara Luz, a protagonista dessa história.

Por se tratar de um trabalho de crítica literária, recorreremos a estudos já existentes em torno da temática abordada, ou seja, a literatura infantil e juvenil, bem como a teorias sobre a narrativa voltada para este público. Podemos caracterizar nossa pesquisa como de base bibliográfica, a qual, segundo Boccato (2006), “a pesquisa bibliográfica busca o levantamento e análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa”. Logo, para a fundamentação teórica do artigo, recorreremos a estudos de Cunha (2003), Aguiar (2014), Abramovich (1997), Coelho (2010), dentre outros.

Quanto a sua estrutura, o trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, trazemos a introdução, em que apresentamos os objetivos, a

temática da pesquisa, em seguida, trazemos as considerações em torno da narrativa para crianças; retomamos a definição da narrativa, identificando suas características, elementos importantes e a importância da leitura desse gênero para a formação de crianças e jovens, sem deixar de apontar ainda as marcas dos contos de fadas buscando identificar essas marcas na narrativa de Fernanda Lopes de Almeida.

No segundo capítulo “A presença de Fernanda Lopes de Almeida no contexto da literatura infantojuvenil”, temos como propósito destacar a importância da obra de Fernanda Lopes de Almeida na formação de crianças e jovens leitores, situando a produção da autora no contexto da Literatura InfantoJuvenil brasileira.

O terceiro capítulo, “Tradição e modernidade na literatura infantojuvenil: leitura de *A fada que tinha ideias*, de Fernanda Lopes de Almeida”, é dedicado ao estudo analítico da narrativa, evidenciando traços do gênero conto de fadas presentes em seu enredo, bem como apontando elementos que indiquem o rompimento com essa tradição literária.

Esperamos que esta pesquisa contribua para a divulgação da obra de Fernanda Lopes de Almeida, sobretudo, no contexto escolar, pois acreditamos que a narrativa em estudo possibilita ao leitor em formação a oportunidade de entrar em contato com o lúdico que caracteriza a obra, fomentando a imaginação e a fantasia que povoa o universo infantil, permitindo a expansão de seus horizontes.

Ao fazer a leitura da obra, naturalmente, a criança tende a fazer questionamentos internos sobre o porquê das atitudes da fadinha Clara Luz, se perguntando, por exemplo, qual será a próxima “artimanha” que ela inventará para resolver as situações, como a história se desenrolará? Diante desses questionamentos, acreditamos que o leitor em formação aguça a sua criatividade e tende a amadurecer sua experiência a partir da vivência da protagonista da história, cujo enredo encontra apoio nas ilustrações do livro, aspecto que contribui também para o fluir da imaginação a partir da leitura da obra.

2 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA NARRATIVA

Este capítulo objetiva, num primeiro momento, retomar algumas considerações em torno do conceito de narrativa, destacando algumas de suas principais características. Num segundo momento, procuramos apontar alguns elementos da narrativa voltada para crianças e jovens, sem deixar de destacar a importância da leitura desse gênero narrativo para a formação de crianças e jovens, bem como retomar algumas marcas do gênero conto de fadas.

Narrativas são textos relatados numa sequência contínua, com início, meio e fim bem determinados, e com representações de causas e consequências. Segundo Bruner (2002, p. 46), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais e ocorrências, envolvendo seres humanos como personagens ou autores”. O autor acrescenta ainda que “ela pode ser real ou imaginária sem perder seu poder como história”. Assim, Barthes (1976) aponta que:

[...] inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos [...]. Além disto, sob estas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte algum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos têm suas narrativas. (Barthes, 1976, p. 19-20).

Conforme podemos observar, é possível destacar a universalidade e a versatilidade da narrativa como uma forma de expressão humana e ressaltar também a ideia de que as narrativas são uma parte essencial da história da humanidade, se fazendo presente em todas as culturas e sociedades, refletindo a importância fundamental desta na comunicação e transmissão de conhecimentos, valores e experiências entre gerações.

Por essas e outras razões, o gênero se faz necessário, inclusive, no contexto da sala de aula, assumindo um importante papel na formação da identidade cultural dos estudantes em formação do gosto pela leitura. Quanto a sua estrutura da narrativa, Gancho (2006) apresenta a seguinte tipologia:

Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela nem

existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar. Mas para ser prosa de ficção é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente que caracteriza a narrativa. (Gancho, 2006, p. 7).

Os fatos que acontecem na história (fatos esses que podem ser verdadeiros ou não), é o que chamamos de enredo da narrativa, composto pelo conflito, desenvolvimento, clímax e desfecho da história. A personagem é caracterizada como um ser que pertence a história e que, portanto, participa efetivamente do enredo, podendo ser classificados como protagonistas, antagonista ou secundárias.

Quanto ao tempo, este pode ser classificado como cronológico (mensurável em horas, dias, meses, anos séculos) ou como psicológico (transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou imaginação do narrador ou personagem); podendo ser levado em conta ainda a época em que se passa a história e a duração da mesma.

O Espaço corresponde ao lugar físico onde se passa a ação em uma narrativa, como por exemplo: espaço urbano ou espaço rural. Já o ambiente, é o espaço que apresenta as características socioeconômicas, morais e psicológicas em que vivem os personagens. Em relação ao narrador, Gancho (2006) considera que:

Não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história. Dois são os termos mais usados pelos manuais de análise literária para designar a função do narrador na história: foco narrativo e ponto de vista (do narrador ou da narração). Ambos se referem à posição ou perspectiva do narrador frente aos fatos narrados. Assim, teríamos dois tipos de narrador, identificados à primeira vista pelo pronome pessoal usado na narração: primeira ou terceira pessoa (do singular). (Gancho, 2006, p. 19).

Além disso, as narrativas infantis são escritas e estruturadas para promover diversas habilidades sociais e cognitivas desse público, contribuindo para melhora da prática de leitura, processo de alfabetização, entre outros.

2.1 ALGUMAS ESPECIFICIDADES DA NARRATIVA VOLTADA PARA CRIANÇAS E JOVENS

De acordo com Cunha (2003), a história da literatura infantil começa a se configurar no início do século XVII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias. Antes disso, as

crianças não eram alvos de atenção ou cuidados especiais, em termos de educação e entretenimento.

A percepção de que a faixa etária infantil precisava de uma educação especial, contribuiu para o surgimento da produção dessa literatura, que era criada com a intenção de educar, instruir e entreter; sem mencionar que muitas dessas obras iniciais, ainda tinham um caráter moral e pedagógico. Ainda segundo Cunha (2003), eram feitas adaptações dos clássicos e do folclore, houve a apropriação dos contos de fadas, de modo que estes gêneros vão compor a gênese de uma literatura voltada para a infância.

No Brasil, a literatura infantil se consolidou no final do século XIX e início do século XX. Zilberman (2003, *apud* Rocha, 2009, p. 23) destaca que “a literatura infantil brasileira surge no período de transição entre a Monarquia e a República, com a ascensão da burguesia, cujos primeiros textos dirigidos ao leitor-criança, apresentam intencionalidades pedagógicas e funcionalidades sociais”. As primeiras produções nacionais desenvolvem-se em torno de temáticas pertinentes a exemplaridade cristã, ao moralismo patriótico e ao didatismo escolar.

Para reforçar o posicionamento de Zilberman, Cunha (2003, p. 22) ainda afirma que “a literatura infantil brasileira tem início com obras pedagógicas, sobretudo, adaptações de produções portuguesas, demonstrando as dependências típicas das colônias”. Após essa fase embrionária, que buscava somente inspirações europeias para o público infantil brasileiro, Cunha (2003) destaca que:

Com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem unifica seu universo ficcional. [...] ao lado de obras marcadamente didáticas, escreve Lobato, outras de exploração do folclore ou de pura imaginação, com ou sem o reaproveitamento de elementos da literatura infantil tradicional[...]. (Cunha, 2003, p. 24)

O gênero narrativo infantil assume algumas características que devem ser consideradas, como a simplicidade e acessibilidade. Geralmente as narrativas infantis apresentam uma linguagem e estrutura de enredo mais simples, pois a criança virá a se interessar por roteiros que apareçam fatos novos e interessantes, peripécia dos personagens, aventuras e situações imprevistas. Cunha (2003) afirma que:

Com relação às falas e aos pensamentos das personagens, a melhor apresentação é através do discurso direto. O diálogo, predominantemente no conto em geral, torna-se mais necessário ainda para crianças: ele atualiza a cena, presentifica os fatos, envolve mais facilmente o leitor que o discurso indireto, que fica a cargo do narrador. (Cunha, 2003, p. 98).

Desse modo, é ideal que a narrativa seja linear, com tempo cronológico, sem cortes ou voltas ao passado, com um diálogo bem estruturado, de forma simples, atrelado a uma boa técnica de narração. É o que vai possibilitar dinamismo e realismo àquela cena da história, prendendo a atenção do leitor e deixando agradável ao espírito infantil. Outro ponto a ser destacado nas obras voltadas ao público infantil, são as ilustrações. Cunha (2003) ressalta que:

Assim como o texto artístico permite muitas leituras (uma das quais, a da pessoa quem ilustrou), o mínimo que a ilustração tem de fazer é ser ela também tão conotativa, cheia de sugestões, que não impeça outras leituras do texto, mas sim, dê as crianças a oportunidade de imaginar, recriar, ir além do próprio desenho. (Cunha, 2003, p. 75).

Personagens cativantes e elementos fantásticos são essenciais em narrativas infantis, uma vez que a criança tende a se identificar com esses personagens que enfrentam desafios e superam obstáculos. A quantidade, o aparecimento e as características também são pontos a serem considerados no conjunto da obra. Esses elementos como fadas, duendes e bruxas, estimulam a imaginação e as transportam para mundos de aventura e criatividade.

Nesse quesito, podemos destacar as obras *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* (1920) de Monteiro Lobato e *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll. Ambas as obras, levam o leitor a se identificar com seus personagens e ao modo como eles resolvem seus conflitos, além de fazer essa conexão com o imaginário infantil. É interessante que toda narrativa infantil termine com um desfecho feliz da história e dos personagens, orienta Cunha (2003), não que isso seja um ponto obrigatório, mas pelo fato da criança se envolver profundamente com o enredo e, muitas das vezes, espelhar-se no drama vivido pelos personagens, não seria legal que esta ficasse com o sentimento de frustração ou impotência, pois a amargura não deveria ser desenvolvida no espírito infantil.

2.2 A RESPEITO DOS CONTOS DE FADAS

Ao adentrar este tópico, que se propõe a retomar traços dos contos de fadas, gênero que nos possibilita mergulhar em um universo literário mágico e atemporal que permeia a imaginação de gerações, buscaremos destacar elementos típicos dessa tradição literária que possui sua origem envolta em mistério e encantamento. Os contos de fadas transcendem épocas e culturas e continuam a influenciar e a ser reinterpretados, conforme se verifica através da obra de Fernanda Lopes de Almeida e tantos outros autores.

Von Franz (1985, *apud* Flores, 2016. p. 12) afirma que “não há como saber a origem exata do surgimento dos contos de fadas, havendo teorias que apontam que estes se originaram de mitos, de preceitos religiosos e de sonhos que passaram a ser contados como histórias”, mas a teoria que mais agrada a autora é a de que essas histórias são experiências ampliadas e modificadas através da contação, agregando-se elementos característicos dos contos de fadas. Havia pessoas que eram designadas a contar essas histórias, passando-as de geração em geração, tornando-se “[...] uma espécie de sabedoria popular”. Bettelheim (1980, *apud* Flores, 2016, p. 12), por sua vez, afirma que os contos de fadas se originaram no contexto histórico em que a religião estava muito presente e tinha grande importância para a sociedade, por isso, muitos fazem referência direta ou indiretamente a temas religiosos, como por exemplo, “*As estórias das Mil e Uma Noites*, que estão cheias de referências a religião islâmica”.

Nesse sentido, muito se questiona sobre o que faz os contos de fadas serem tão atemporais e agradarem tanto, não somente ao público infantil, mas a qualquer faixa etária. Há quem afirme que, de forma lúdica, seria por conta da magia que permeia suas páginas, ou mesmo por conta das lições que oferecem aos leitores de todas as idades. De acordo com Abramovich (2006):

[...] Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde tem que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta para o seu conflito... porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com

intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias). (Abramovich, 2006, p. 120).

Tal citação compreende e engloba o conjunto de elementos e características que torna esse gênero singular, e apresenta sua relevância na literatura e na cultura. Através da fantasia e da imaginação, essas histórias oferecem um reflexo de vivências e horizontes que conduzem o leitor a explorar um universo “mágico”. Ao mesmo tempo que divertem, os contos de fadas ensinam. Ensinações esses que tratam mais de sabedoria de vida, do que do saber institucional. Eles são capazes de mexer com os sentimentos mais primitivos do leitor, trazendo temas como medo, amor, carências, a dificuldade em ser criança, autodescobertas, perdas e buscas. Além de favorecer o desenvolvimento da personalidade da criança, contribuindo para a descoberta de sua identidade e comunicação.

Quanto a sua estrutura, sempre parte de um problema vinculado a realidade (conflito), que desequilibra a tranquilidade inicial; no desenvolvimento é que acontece a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, gigantes) para encontrar soluções, no plano da fantasia; é somente no desfecho que ocorre a restauração da ordem, quando há uma volta ao real. Abramovich (1995, p. 121) coloca que “[...]cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, importantíssimo, que se for retirado, suprimido ou atenuado vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto”. A autora orienta que, ao fazer a leitura de um conto de fadas, é interessante que a pessoa que o vai ler, seja capaz de transmitir cada emoção descrita no diálogo, podendo mudar a entonação de voz de acordo com o personagem, por exemplo, usar de elementos externos para simular o ambiente da narrativa, pois isso, pode ajudar a criança a compreender melhor o contexto e a embarcar no mundo da imaginação, inclusive, até pedindo para que seja feita a mesma leitura diversas vezes.

Outra característica bem comum aos contos, é a existência de uma dualidade entre o bem e o mal, em que o leitor consegue identificar claramente qual personagem é do bem e qual é do mal e, conseqüentemente, fazer uma identificação com o que esteja mais próximo da sua realidade no momento. Porém, na maioria das vezes, o leitor dessa faixa etária, acaba se “apegando” ao personagem herói ou bonzinho, tudo virá a depender de qual mensagem a criança irá captar melhor. Em defesa desse pensamento entre bem ou mal nos contos de

fadas, Bettelheim (1980) defende que:

Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas de o herói ser mais atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a esta identificação, a criança imagina que sofre com o herói em suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela. (Bettelheim, 1980, p. 7)

Como notamos, é possível perceber a importância dos contos de fadas na formação da literatura infantojuvenil, pois eles oferecem muito mais do que um simples entretenimento, servem como uma janela para a psicologia humana, sendo capaz de proporcionar um refúgio para enfrentar questões complexas da vida, atuando como inspiração para esse público, no sentido de aprender a lidar com as situações que enfrentam ou venham a enfrentar futuramente, trazendo a esperança de que o final sempre vai ser feliz. Vejamos a seguir, em que período da história da literatura infantil, surge a obra de Fernanda Lopes de Almeida.

3 A PRESENÇA DE FERNANDA LOPES DE ALMEIDA NO CONTEXTO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

O propósito deste capítulo é situar historicamente a Literatura InfantoJuvenil no Brasil, destacando, num segundo momento, a importância da obra de Fernanda Lopes de Almeida na formação de crianças e jovens leitores. Com base em trabalhos críticos já realizados em torno da obra da autora, apontaremos alguns estudos relevantes que subsidiaram a leitura de sua obra, indicando sua fortuna crítica.

De acordo com Rocha (2009), “no Brasil, apenas se pode falar em literatura infantil, após a implantação da imprensa Régia, em 1908, com a chegada de D. João VI ao país”. Um dos percussores da época, conhecido por fazer adaptações de contos europeus (principalmente, dos contos de Perrault, irmãos Grimm e de Andersen) para o Brasil, foi o escritor Alberto Figueiredo Pimentel, em obras como *Contos da carochinha* (1894), *Histórias da avozinha* (1896) e *Histórias da baratinha* (1995).

Mas o autor que contribuiu significativamente para que surgisse no Brasil uma literatura genuinamente infantil, foi Monteiro Lobato. O escritor foi um dos mais influentes do séc. XX e preocupado com a necessidade de escrever obras para crianças numa linguagem que as interessasse, tornando-se o pioneiro deste movimento, ao publicar em 1921, *A menina do narizinho arrebitado* (1920), obra que conta a história de Lúcia, uma menina de 7 anos, que vivia com a avó, a tia, e com Emília (sua boneca de pano e fiel companheira) em um lugar mágico, mais tarde batizado de Sítio do Pica-Pau Amarelo. Zilberman (2007) relata que:

A partir de então, Lobato, já escritor famoso, passa a correr numa outra faixa: investe progressivamente na literatura para crianças, de um lado como autor, de outro como empresário, fundando editoras, como a Lobato e Cia., depois a Companhia Editora Nacional e Brasiliense, e publicando os próprios livros. (Zilberman, 2007, p. 44).

Essa mudança de foco para a literatura infantil e o envolvimento no aspecto empresarial do setor editorial, mostram não apenas a dedicação de Lobato à criação de histórias para crianças, mas também seu comprometimento em moldar e influenciar o mercado editorial brasileiro, na época. Essa abordagem contribui

significativamente para a disseminação de sua obra e desenvolvimento da literatura infantil no Brasil. Zilberman (2007) ainda afirma que:

Dez anos depois de seu primeiro empreendimento literário na área da literatura infantil, Lobato remodela a história original de Narizinho, e a reúne a algumas outras que escrevera até então. O texto resultante constitui *As Reinações de Narizinho* que, em 1931, dá início a etapa mais fértil da ficção brasileira, pois, além do aparecimento de novos autores, como Viriato Correia [...] ou Malba Tahan, incorporaram-se a literatura infantil escritores modernistas que começavam a se salientar. (Zilberman, 2007, p. 45).

As histórias de Monteiro Lobato acontecem no sítio do Pica-Pau Amarelo que, posteriormente, dará nome a outra obra dele, trata-se de um lugar encantado, cheio de personagens do folclore brasileiros, e quem vive as aventuras naquele lugar são os personagens consagrados como: Dona Benta, seus netos (Pedrinho e Narizinho), Tia Nastácia, boneca Emília, Visconde de Sabugosa, o porco Rabicó, entre outros personagens que ganharam vida através de sua imaginação. Cunha (1999, *apud* Rocha, 2009) afirma que:

Usando uma linguagem criativa, Lobato rompeu a dependência com o padrão culto: introduziu a oralidade tanto nas falas dos personagens, como no discurso narrador. Com uma obra diversificada quanto ao gênero e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens que percorrem e unificam seu universo ficcional. (Cunha, 1999, *apud* Rocha, 2009, p.24).

Tal citação destaca a quebra de padrões linguísticos feita por Lobato, a diversidade literária e a construção de uma narrativa coesa em torno de personagens marcantes, contribuindo assim para a riqueza e singularidade da literatura brasileira. A autora ainda afirma que, em todas as suas obras, o autor manteve a preocupação com questões nacionais e os grandes problemas mundiais. Fator esse que contribuiu também para que suas obras fossem adaptadas para outros gêneros, como por exemplo, quadrinhos, filmes e até programa infantil em uma emissora de grande nome. Rocha (2009) ressalta ainda que a literatura para a criança no Brasil, de 1945 até meados da década de 1960, viveu um período de retrocesso no que diz respeito a criatividade. Já na década de 1960, a produção infantil literária começou a trilhar um novo caminho. De acordo com Zilberman, em entrevista dada a UFMG (2016):

a literatura infantil desta época assume uma temática urbana, e passa a valorizar elementos políticos, dando destaque a sua condição emancipadora. Escritores renomados como Mário Quintana, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector se interessam por escrever para o público infantil. (Zilberman, 2016).

A escritora mencionou ainda que foi na década de 1970 que se destacaram nomes como Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha. Inclusive, foi nesta década, que a autora Fernanda Lopes de Almeida também marca sua presença na literatura infanto-juvenil brasileira, trazendo temas considerados do universo adulto, como por exemplo, solidão, prepotência, independência, e principalmente a existência de diversos pontos de vistas. Zilberman (2016) também afirma que a escritora Fernanda Lopes de Almeida faz questão de manter em suas obras a valorização da criança, sua inteligência, e que, ao fazer a leitura de suas produções, o leitor consegue construir seus significados de leitura através das ilustrações, ponto crucial em sua obra *A fada que tinha ideias* (1971), por exemplo. A escritora apresenta uma linguagem que possibilita a criança a compreensão do texto e a recriar a obra, oferecendo ao leitor maiores competências efetivas e intelectuais, ampliando o imaginário e fortalecendo sua relação com a leitura literária. Ainda de acordo com Zilberman (2007):

A literatura infantil brasileira mais contemporânea também reata pontas com a tradição Lobatiana por outras vias. Por exemplo, pela inversão a que submete os conteúdos mais típicos da literatura infantil. Essa tendência contestadora se manifesta com clareza na ficção moderna, que envereda pela temática urbana, focalizando o Brasil atual, seus impasses e suas crises. (Zilberman, 2007, p. 123).

Conforme demonstra a afirmação da autora, verificamos que as narrativas infantis passam a abordar os problemas que encontramos na sociedade, de maneira mais clara e perceptível, buscando a reflexão tanto nos problemas de vida vivenciados pelo leitor atual, quanto procurando responder à preocupação educativa. A seguir, tecemos algumas considerações sobre a obra de Fernanda Lopes de Almeida, sem deixar de destacar a importância da narrativa da autora para a formação de leitores.

3.1 FERNANDA LOPES DE ALMEIDA E A IMPORTÂNCIA DE SUA OBRA PARA FORMAÇÃO DE LEITORES

Apesar de fazer sucesso no universo da literatura infantojuvenil brasileira, a escritora Fernanda Lopes de Almeida nunca fez questão de tanta exposição em público ou até mesmo na mídia. Pouco se sabe sobre sua vida pessoal, pois ela preferia que as pessoas conhecessem as suas obras. Em razão disso, as informações aqui citadas foram colhidas de trabalhos dissertativos que serão referenciados ao longo deste tópico.

De acordo com Cunha (2014), “Fernanda Lopes de Almeida nasceu em 31 de outubro de 1943, na cidade do Rio de Janeiro. Filha de Nadine e Albano, neta da grande escritora Júlia Lopes de Almeida, uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras (ABL) e referência no universo da literatura feminina, seu avô paterno era o poeta e jornalista Filinto de Almeida”. Soncinni (2020, p.131) ressalta que o fato de ter sido criada em uma família de intelectuais, o contato com a natureza e com os livros desde cedo contribuiu para que Fernanda viesse a desenvolver o gosto pela literatura.

Desse modo, de acordo com informações colhidas no site *Goodreads*, antes mesmo de aprender a ler, sua mãe já havia lhe apresentado quase toda literatura infantil disponível na época, de forma oral e, aos 7 anos, ganhou de presente o livro *Alice no País das Maravilhas (1865)*, o qual fez a leitura completa e começou a escrever historinhas e poesias. Soncinni (2020, p. 131) ainda afirma que “na área acadêmica, Fernanda se formou em psicologia e chegou a trabalhar 25 anos nessa profissão, sendo nesse período que o contato com as crianças aumentou”. Começou então, a despertar o interesse em criar obras que compreendessem realmente o mundo do público infantil, entendendo seus gostos, desejos, medos, inseguranças e o que mais chamava atenção em uma história.

Segundo informações colhidas no site *Goodreads*, em 1971 a autora publicou os seus dois primeiros livros, o primeiro foi *Soprinho*, que conta a história de 4 crianças que, ao receberem um sopro mágico de um elfo, atravessavam, juntamente com ele, um portal encantado no meio do bosque que dava acesso ao mundo mágico de fadas e outras criaturas mágicas, livro inspirado nos seus sobrinhos. Nesse mesmo ano de publicação, chegou a ganhar o prêmio Jabuti de melhor livro infantil do ano. Cunha (2014) cita que a obra *A Fada Que Tinha Ideias (1971)*,

publicada na mesma época, e que conta a história da fadinha Clara Luz e suas peripécias, ao tentar inventar suas próprias mágicas, sem seguir o antiquado livro das fadas do seu reino, foi considerada pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) umas das 5 melhores obras infantis brasileiras publicadas entre 1967 a 1971, e foi incluída na bibliografia seletiva de literatura infantil da UNESCO e no acervo permanente da Biblioteca Internacional da Juventude, em Munique. Cunha (2014) menciona que, no âmbito infantil, além dos dois livros já mencionados, ainda compõem sua produção literária, obras como *Seu Tatá, o distraído* (2010); *A Margarida Friorenta* (2008); *O Rei Maluco e a Rainha Mais Ainda* (2010), entre outros títulos.

Apesar de suas obras terem surgido no período da ditadura militar no Brasil, Fernanda continuou mantendo seus ideais em suas narrativas, assim como respondeu no seguinte trecho, retirado de uma entrevista concedida ao site da revista Crescer (2013): Quería que você me falasse um pouco sobre o período da ditadura e o espaço que a literatura infantil dava e tinha para se expor ideias. Como era exatamente? E hoje, qual a "função" da literatura infantil? Que espaço ela ocupa?

Olhe, para mim não existe essa diferença entre o que fazia naquele período e o que faço hoje. Eu ia dizendo à criança o que diria com ou sem ditadura. Só que naquela época a gente pensava "Será que vão deixar passar? Será que vai dar confusão?" e agora não é preciso se preocupar com isso. Mas os temas que me interessam são os mesmos. Sonho com o ser humano livre, inventivo, fiel à sua originalidade, sabedor de que é um indivíduo único e cheio de potencialidades. Falo disso às crianças. (Revista Crescer, 2013)

Fernanda Lopes de Almeida deixou um legado significativo na literatura infantil brasileira, com suas histórias cativantes que exploram temas relevantes para crianças. Seu trabalho é atemporal e continua a ser lido e apreciado por gerações de leitores. Vejamos no capítulo a seguir, de que maneira elementos tradicionais presentes nos contos de fadas se fazem presentes em sua narrativa *A fada que tinha ideias*, bem como de qual modo a autora rompe com essa tradição, apresentando, assim, traços de modernidade em sua história.

4 TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: LEITURA DE A FADA QUE TINHA IDEIAS, DE FERNANDA LOPES DE ALMEIDA

Este terceiro momento da monografia é dedicado ao estudo analítico da narrativa *A fada que tinha ideias*, procurando identificar as marcas do gênero conto de fadas presentes na obra, bem como perceber de que maneira a autora rompe com essa tradição literária, produzindo uma narrativa moderna, marcada pela irreverência e ludicidade. A análise se centrará na abordagem da protagonista da obra, sem deixar de fazer referência a outros elementos estruturais da narrativa que se fizerem importantes para a construção do perfil da protagonista do livro.

Conforme já afirmamos, *A fada que tinha ideias*, de Fernanda Lopes de Almeida, foi publicada inicialmente em 1971, pela Editora Ática, e reescrita pela própria autora em uma versão para o teatro, em 1982, quando recebeu o troféu “Mambembe”, pelo melhor texto de teatro infantil. A obra é dividida em 13 capítulos, com pequenos contos que são interligados entre si pelas peripécias de uma jovem fadinha.

O livro narra a história de Clara Luz, uma fadinha que vive na via láctea junto com a Fada-Mãe e outras fadas. Suas melhores amigas são vermelhinha, a estrela, e amarelinha, que é uma gota de chuva. O reino é governado pela velha Rainha das fadas e lá existe um antiquado livro de magias usado por todas as fadas para aprender a fazer mágicas, mas o tal livro apenas ensinava mágicas antigas, como por exemplo, transformar abóbora em uma carruagem. Clara Luz, por ser uma fadinha bem à frente do seu tempo, não aceitava ficar presa somente as lições que tinha naquele livro, ela vivia criando suas próprias mágicas e tendo ideias mirabolantes, que sempre saiam do seu controle, como transformar “o bule em um pássaro com 3 asas”, ou até mesmo “colorir os pingos de chuva”. Sempre que a fadinha travessa aprontava, sobrava para a Fada-Mãe resolver aquela situação antes que chegasse aos ouvidos da Rainha.

A jovem fada justificava suas peripécias afirmando que, “quando alguém inventa alguma coisa, o mundo anda (Clara Luz, 1971, p. 7). Quando ninguém inventa nada, o mundo fica parado”. Em uma das suas invenções, ela convenceu a mãe de que seguir as mágicas do livro, era algo monótono, pois todas as outras fadas do reino já sabiam fazer também, e que o legal era fazer mágicas novas, mas

logo a mãe voltava atrás, por achar que estava sendo um mal exemplo.

Após inúmeras peripécias, dentre elas, a mais grave que causou a invasão de animais no reino, Clara Luz e todas as outras fadas do céu foram convocadas para comparecer ao palácio da Rainha das Fadas, para se justificarem. O medo logo se instaurou entre as fadas e quase todas desmaiaram por medo do que a rainha pudesse vir a fazer, porém, Clara, como uma fadinha astuta e corajosa que era, tomou logo a frente para explicar os motivos de suas travessuras.

No final da história, a rainha fica surpreendida e muito orgulhosa da audácia que a fadinha teve em contestá-la na frente de todo o reino, da inteligência de Clara Luz e a nomeia como conselheira chefe do palácio das fadas, convidando-a para morar no palácio junto com sua mãe e a professora de horizontologia. Soncini (2020), em relação a esta obra, afirma que:

o livro foi escrito no período da ditadura militar e reflete, por meio do maravilhoso e do imaginário, uma visão social desse período, representando através da sociedade das fadas, um reflexo da sociedade brasileira. A autora contesta a sociedade através da infância, da figura da fadinha Clara Luz, uma fada criança que, mesmo ocupando um lugar onde não possui voz, é a personagem contestadora da história, que vai gradualmente influenciando a mudança de pensamento das outras fadas do seu mundo, tanto das crianças como das adultas. (Soncini, 2020, p.132).

Ao contrário do que geralmente encontramos relacionado a imagem de fadas nos contos de fadas clássicos, onde normalmente não costumam ter um papel de protagonismo ou aparecem como protetoras dos protagonistas, concedendo presentes e ofertando conselhos. Fernanda apresenta Clara Luz como uma fadinha bem diferente, autêntica, com voz ativa, cheia de ideias e opiniões fortes, que se nega a continuar na mesmice:

Clara Luz era uma fada, de seus dez anos de idade, mais ou menos, que morava lá no céu, com a senhora fada sua mãe. Viveriam muito bem se não fosse uma coisa: Clara Luz não queria aprender a fazer mágicas pelo livro das fadas. Queria inventar suas próprias mágicas.

-Mas, minha filha – dizia a Fada-Mãe – todas as fadas sempre Aprenderam por esse livro. Por que Só você não quer aprender?
- Não é preguiça, não, mamãe.
É que eu não gosto de mundo parado.

- Mundo parado?
 - É. Quando alguém inventa
 Alguma coisa, o mundo anda.
 Quando ninguém inventa nada, o
 Mundo fica parado. Nunca reparou? (Almeida, 1971, p. 7).

O trecho destacado, além de caracterizar a fadinha Clara Luz, evidenciando seu caráter contestador, ainda demonstra a quebra com o tradicional. Aliás, a autora, ao invés de começar a narrativa com o já conhecido “Era uma vez”, prefere apresentar o ambiente em que Clara vive. Assim, a narrativa retoma um elemento tradicional dos contos de fadas, consistindo nisso, uma marca dessa tradição, mas, ao mesmo tempo, nos brinda com uma fada questionadora, marca típica das mulheres modernas, insubmissas ao patriarcado, demonstrando, na narrativa, num índice de modernidade.

Aproveitando-se que foi citado o espaço em que se passa a narrativa, um elemento que desperta atenção é o fato de que a história é quase toda com personagens femininos, em um reino feminino. Aos poucos personagens masculinos que aparecem são “Relampagozinho”, que era o filho mais novo de uma família de relâmpagos que ia passando em frente à casa de Clara, quando ela o convence a entrar dentro de um bolo que, de acordo com a fadinha, aconteceria uma surpresa. Contudo, ele saiu voando como um cometa pela via láctea, causando um tumulto. e seu pai “Trovão” que é brevemente apresentado durante uma fala comparativa de sua mãe, conforme revela o fragmento a seguir, em que o pai de Clara Luz é mencionado:

A Fada-Mãe voltou para dentro muito intrigada:
 - Nunca vi umas ideias como as dessa menina! Só
 se ela saiu ao pai, que era o mágico mais inventor
 da corte do Rei dos Mágicos. (Almeida, 1971, p. 21)

Estamos acostumados a encontrar príncipes, reis e até mesmo soldados, como protagonistas ou heróis dos contos de fadas tradicionais; tais figuras personificam valores nobres e realização de feitos extraordinários. A ausência desses protagonistas tradicionais pode ser entendida como uma forma de ruptura intencional com as expectativas do leitor, provocando uma reflexão sobre o que constitui um herói nos contos contemporâneos, tornando a narrativa mais inclusiva. Talvez, por não ter essa presença tão marcada nesse livro, Cunha (2014) afirma

que:

Partindo dessa apreensão e pressupondo que a aparente despreziosidade da literatura infantil propicia múltiplos olhares e diversas abordagens, o livro até poderia ser visto como feminista, pois além de ser protagonizado por uma personagem do sexo feminino, o enredo desenvolve-se praticamente em torno de figuras femininas. (Cunha, 2014, p. 90).

As fadas apresentadas ao longo do enredo ainda demonstram estar presas ao conformismo, às mágicas tradicionais e a subordinação a autoridade (que nesse caso, seria a Rainha das fadas). Por isso, tinham receio de arriscar o novo: “- No nosso tempo – disse uma – aprendíamos a fabricar tapete mágico e ficávamos muito contentes com isso”. (Almeida, 1971, p. 34).

Em um segundo momento, as Fadas-Mães se recordam de como detestavam fazer tapetes mágicos, mudando o pensamento que havia sido citado anteriormente, e aos poucos, uma por uma começam a demonstrarem insatisfação com o que lhes era ensinado:

Mas uma das mães, que era muito sincera, interrompeu:
 - Eu não ficava nada contente em fabricar tapete mágico.
 Aí todas se lembraram:
 - Eu também não ficava nada contente!
 - Eu detestava tapete mágico!
 - Eu até hoje detesto desencantar princesa!
 - Eu, para falar a verdade, detesto todas as lições do livro!
 Foi uma gritaria. As mães falavam todas ao mesmo tempo:
 - Eu daria tudo para aprender a fazer um leão, nem que fosse dos pequenos! (Almeida, 1971, p. 35).

Em contrapartida, logo voltam atrás, por acharem que estão dando péssimos exemplos a suas filhas, e com receio de que a rainha descubra. Tal hesitação das personagens proporciona uma reflexão sobre a vontade de desbravar novos caminhos e os limites impostos pelas normas sociais e familiares:

Mas no dia seguinte as mães estavam muito encabuladas:
 - Que mal exemplo nós demos, ontem a noite!
 - É mesmo! Se a Rainha soubesse que até falamos mal do livro!
 - É melhor fingirmos que esquecemos toda a história.
 E foram cuidar do seu serviço, como se nada tivesse havido. (Almeida, 1971, p. 35).

Fernanda Lopes apresenta o “Livro das Fadas”, que aparece como uma espécie de manual, em que todas as fadas precisam estudá-lo para fazer suas mágicas. O livro apresentava uma visão única de mundo, por isso Clara Luz aproveita para fazer uma crítica aos métodos de ensino antigos, cujos textos dos livros, não levavam em conta as diferentes visões de mundo. Era exatamente isso que Clara Luz não aceitava. Sobre o livro, Soncini (2020) apresenta a seguinte interpretação:

O Livro das Fadas representa um artefato que podemos ler como imóvel, é como um objeto que só diz e repete, não há linhas de fuga entre ele e suas leitoras, no caso as fadas, que acabam se moldando no e pelo livro, o único dentro da obra que lhes é oferecido, e que acaba por ocupar o lugar da lei. (Soncini, 2020, p. 136).

No trecho a seguir, a autora faz uma alusão a falta de autonomia e de competência dos adultos para lidar com a novidade. E ainda faz menção a uma passagem do conto de fadas clássico, intitulado “Cinderela” (1950), em que a fada madrinha exerce o papel de auxílio para uma princesa, e transforma uma abóbora em carruagem:

– Olha só o chuveiro de luz que está saindo lá da Via Láctea!
 – Será que é alguma mágica?
 – Não pode ser. Não existe nenhuma mágica assim no Livro das Fadas!
 – Existe sim, na página vinte e três.
 Foram todas ver na página vinte e três.
 Enquanto isso Clara Luz gritava:
 – Socorro! Não sei fazer isso parar.
 – Ela está pedindo socorro! Vê depressa a página vinte e três!
 – Está aqui, olha.
 Todas olharam: a página vinte e três ensinava a transformar abóbora em carruagem. Ninguém ficou sabendo nada sobre aquela mágica que estava acontecendo na Via Láctea.
 – Não está no Livro. Não podemos fazer nada. (Almeida, 1971, p. 11-12)

Outro elemento clássico dos contos de fadas e que merece destaque, é a Rainha das Fadas. De início, é possível imaginar a personagem como uma figura inteligente, amada por todo o reino, mas o narrador a apresenta como autoritária, e conservadora e, por algumas vezes, até a coloca como figura de pouca sabedoria e conhecimento do seu reino, como podemos verificar nos fragmentos a seguir:

Quando a rainha entrou, seguida pelas conselheiras e damas de

honra, fez-se um silêncio profundo.
 A rainha acomodou-se no trono e depois olhou para as fadas, uma por uma.
 Queria ver quem estava com cara de culpada.
 Mas, como todas estavam com cara de culpadas, ela ficou na mesma.
 Então berrou:
 – Quem não tiver culpa fica proibida de fazer cara de culpa! (Almeida,2007. P. 50).
 [...] Mas, as lições desse livro, detesto, porque não gosto de bolor.
 - Bolor? Que bolor?
 - Pois então, majestade? Este livro está coberto de bolor.
 - Impossível, menina! Esse livro é um livro mágico, que não embolora.
 - Embolora sim, majestade. Se vossa majestade reparar bem, verá que ele está coberto por uma camadinha fina de bolor! (Almeida, 2007. p.56).

Nos trechos acima, a entrada da rainha, o trono e o silêncio das fadas, são elementos tradicionais das estruturas monárquicas encontradas nos contos de fadas tradicionais, evidenciando o que vimos chamando de tradição na narrativa em análise, além também da figura da rainha como autoridade, que fica bem destacada. O fato da rainha também não saber que o livro estava cheio de bolor, evidencia que ela não tinha muito conhecimento sobre o próprio reino, aspecto que contradiz a caracterização deste personagem nos contos de fadas, revelando-se, desse modo, a presença da ironia na linguagem da autora, caracterizando o que chamamos de moderno em seu texto.

Nesse sentido, é possível ainda identificar outro elemento dos contos de fadas tradicionais que aparece na narrativa: a bruxa, que continua sendo rabugenta, mas que recebe um espaço menor no enredo e dividindo o papel de vilã com a Rainha:

A Gota continuou a contar;
 - Mas houve uma pessoa que detestou, mesmo, essa chuva. Ficou danada da vida!
 - Quem?
 - Uma bruxa, chamada feiosa, que mora lá na floresta. Eu caí num riacho, o riacho foi me levando e acabei no quintal da casa dessa bruxa. Uma casa muito feia, caindo aos pedaços.
 - Mas porque ela não gostou da chuva?
 - Ela detesta coisas bonitas. Disse que vai mandar uma carta à Rainha, proibindo-a de colorir a casa dela. (Almeida,2007. P. 28).

A presença da bruxa, o nome dado a ela (Feiosa), o fato dela morar em uma floresta e a descrição de sua casa como “muito feia e assustadora”, são elementos que remetem aos tradicionais contos de fadas. A razão pela qual a bruxa detestava a chuva, por considerá-la bonita e ameaçadora para a estética de sua casa, adiciona

um tom de modernidade, pois geralmente, os conflitos envolvendo esse ser mágico, envolvem o protagonista da história diretamente. A ideia da bruxa, de enviar uma carta a Rainha, proibindo-a de colorir a casa dela, introduz um elemento moderno de burocracia e formalidade, que contrasta com a natureza mágica do cenário.

A autora também faz exaltação da natureza na parte que a Gota, que era uma gota de chuva, e grande amiga de Clara Luz que vivia sempre viajando do céu para a terra, volta da sua missão de colorir a chuva e conta como era a floresta que ela visitou, e isso é um elemento comum nesse gênero:

- Como foi quando você chegou lá? – Quis saber Clara Luz.
 - Foi formidável! As árvores, as plantas, estavam todas enfeitadas de Gotas de todas as cores. Parecia uma floresta de pedras preciosas. Os rios e as cachoeiras corriam roxos, cor-de-rosa, azuis. E as fadas dançavam Entre as árvores, com a chuva colorida escorrendo pelos cabelos. (Almeida, 1971. p. 28).

Fernanda Lopes de Almeida também se aproveita do lúdico para abordar temas que anteriormente não eram inseridos nas narrativas infantis como por exemplo o medo e a tolerância, pois eram considerados do universo adulto, como se a criança também não passasse por esses traumas no meio social. No trecho abaixo, a autora conta a história de quando Gota precisou ir até a casa da dona Relâmpaga, mas ele tinha medo do escuro, e nunca tinha ido lá antes, mas no fim deu certo, observe:

Dona Relâmpaga morava num lugar muito alto do céu,
 Numa casa preta, cheia de corredores escuros.
 Vermelhinha e Clara Luz, que já eram amigas dela, não tiveram medo
 Nenhum.
 Mas a Gota, quando viu aquele pretume de casa, não quis entrar.
 - Podem ir vocês duas. Eu estou com calor e vou ficar aqui fora,
 Tomando fresco.
 - Há! Há! – riu Vermelhinha. – Você está é com medo.
 [...] Dona Relâmpaga foi levar as meninas até o portão;
 - Adeus, queridinhas! Vão direitinho pra casa.
 - Que família simpática! – comentou a Gota. – Hoje descobri que
 Não se deve ter medo de ninguém só pelo barulho. (Almeida, 2007. p. 37-39).

Desse modo, podemos dizer que a autora estimula o leitor criança a superar também os seus medos. O leitor constitui, ao nosso ver, uma aproximação entre a narrativa de Fernanda Lopes de Almeida e os contos de fadas em geral, sobretudo naquele aspecto da moralidade defendido por Bettelheim (1980).

Além do ambiente fantástico e da relação de amizade entre as personagens serem traços tradicionais dos contos de fadas, algo muito evidente e que também constitui esse gênero é a lição que a Gota aprende sobre não julgar as pessoas apenas pelo exterior ou pelo “barulho”, é uma moral implícita comum em histórias tradicionais, quando as personagens, muitas vezes, aprendem lições valiosas ao longo da narrativa. Isso compactua sobre o que diz Bettelheim (no primeiro tópico desta pesquisa), que os contos proporcionam um refúgio para a criança enfrentar questões complexas da vida.

No trecho a seguir, o narrador faz referência a falta de imaginação dos adultos que por causa de uma sociedade opressora não se permitem abusar da imaginação:

- E na cidade? – quis saber Clara Luz. – Gostaram da chuva?
- As crianças gostaram muito. Os grandes não viram.
- Puxa! Não viram?
- Alguns viram, mas fingiram que não viram para os outros não pensarem que eles eram malucos. (Almeida, 1971, p. 28).

A comparação entre a reação das crianças e dos adultos, é um tema tradicional que aparece em muitas histórias. Já o fato de alguns adultos fingirem não ter visto a chuva para evitar serem considerados “malucos”, reflete uma sensibilidade moderna aos padrões sociais e conformidade com estes, aspectos que podem ser mais notáveis na sociedade contemporânea.

Um indício muito forte da postura contestadora da protagonista, que ainda merece destaque, diz respeito ao olhar lançado pelo narrador para a escola e a figura do professor. Observe como este é criticado por seu comportamento, ao defender um ensino tradicional. A seguir, temos o momento em que Clara Luz tem sua primeira aula de horizontologia:

- Pois nesse livro eu vou dizer todas as minhas ideias sobre Horizontes.
- São muitas? – quis saber a professora.
- Um monte. Por exemplo: eu acho que nos duas não devíamos estar aqui.
- Ué! Devíamos estar onde, então?
- No horizonte, mesmo. Assim, em vez da senhora ficar falando bastava me mostrar as coisas e eu entendia logo. Sou muito boa para Aprender. (Almeida, 2007. p. 23).

A estrutura da aula, com a professora questionando a aluna sobre suas

ideias, reflete uma metodologia tradicional de sala de aula, em que a troca de ideias acontece dentro de um contexto educacional convencional. Clara Luz expressa um desejo moderno de questionar a metodologia de ensino tradicional quando sugere que, em vez de apenas ouvir a professora falar, ambas deveriam ir ao horizonte estudar na prática, para que a aula seja mais eficaz. Isso reflete uma atitude contemporânea em relação a educação, enfatizando métodos mais interativos e abordagens personalizadas por parte dos professores.

Na última parte do enredo, vimos que a Rainha das fadas decide nomear Clara Luz como sua conselheira, e a convida a morar no castelo com ela, porém, a pequena fada alega que só irá se mudar para lá se sua mãe e professora forem junto:

- Só há uma coisa, majestade – disse Clara Luz, - É que eu só me mudo, aqui para o palácio, com mamãe e a professora de Horizontologia. Ainda sou pequena e só posso ser boa conselheira com uma boa mãe e Uma boa professora. (Almeida, 2007, p. 60).

Observamos aqui uma demonstração de que o tradicional pode conviver harmonicamente com o moderno. Veja que Clara Luz, que representa, através de seu comportamento, o caráter moderno da narrativa de Fernanda Lopes de Almeida, não abre mão da mãe e da professora, ambas representantes do que vimos convencionalizando de tradição na obra dessa autora. Tudo isso põe em evidência o que a própria escritora faz em sua obra, partindo de uma tradição, a dos contos de fadas, ao mesmo tempo em que rompe com essa tradição, ao propor uma nova roupagem para o comportamento da sua protagonista, a fada Clara Luz.

Fernanda Lopes de Almeida construiu esta obra com um enredo situado num espaço mágico, porém, ela conseguiu inserir temática e recursos literários que rompem com o tradicionalismo. Isso fica evidente quando ela apresenta problemas análogos ao cotidiano de seus leitores, possibilitando a identificação e interação deste com o texto, utilizando-se de elementos ficcionais (como os seres mágicos) e da vida real que são facilmente perceptíveis ao leitor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a leitura crítica de *A fada que tinha ideias* (1971), de Fernanda Lopes de Almeida, nos permitiu observar que a autora parte de uma estrutura tradicional, típica dos contos de fadas, criando uma narrativa com a presença de fadas e bruxas, elementos mágicos que povoam esse gênero, que transitam em ambientes também mágicos e encantados, a exemplo de florestas enfeitadas de gotas coloridas, rios coloridos e fadas dançando.

Ao mesmo tempo, a autora demonstra um rompimento com essa tradição e inova, modernizando seu texto, na medida em que cria uma protagonista tradicional questionadora, como tão bem ilustra o comportamento de Clara Luz. Esta, como vimos, não abre mão da mãe e da professora, ambas representantes do que chamamos de tradição, na obra dessa autora. A nosso ver, os elementos mágicos presentes na narrativa, funcionam como um elo com a tradição dos contos de fadas, trazendo a magia e a maravilha que caracterizam esse gênero literário clássico.

Para romper com essa tradição, Fernanda Lopes de Almeida traz uma abordagem contemporânea e original ao gênero, como por exemplo, a desconstrução de estereótipos de gênero e a atitude contestadora atribuída a protagonista Clara Luz. Em vez de ser uma figura passiva e obediente, a fada é independente, questionadora e assertiva, representando uma abordagem mais moderna em relação ao papel das mulheres na literatura, rompendo com a tradição de personagens que aceitam pacificamente o ambiente ao seu redor.

Nesse sentido, a escritora utiliza, também, como forma de inovação, diálogos informais e modernos entre as personagens, afastando-se da linguagem formal e arcaica dos contos de fadas tradicionais. A obra também oferece lições contemporâneas, como a importância da tolerância, da imaginação e da aceitação da diversidade, de maneira explícita e contextualizada, trazendo ainda o famoso conflito entre o velho e o novo. Ao incorporar esses elementos inovadores, Fernanda Lopes de Almeida revitaliza o gênero dos contos de fadas, proporcionando uma narrativa que ressoa com as preocupações e sensibilidades contemporâneas.

Ao fim da análise da obra, fica evidenciado o reconhecimento e o sucesso que a autora obteve ao criar um roteiro atemporal que, por possuir temas universais, personagens facilmente relacionadas pelos leitores, linguagem acessível e cativante

e sua mensagem central ser sobre aprendizado e desenvolvimento pessoal, o que contribui para que a obra continue relevante e significativa, oferecendo algo valioso para leitores de diferentes períodos, independentemente das mudanças culturais e sociais.

O caráter lúdico da narrativa se dá por diversos aspectos que permeiam toda a obra, dentre eles, o uso de uma linguagem leve, fluida e, muitas vezes, poética, que cria um ambiente lúdico, através das escolhas de palavras, elementos mágicos e diálogos divertidos, estimulando a imaginação e tornando a leitura mais atraente e envolvente.

As ilustrações também desempenham um papel crucial na formação do caráter lúdico da obra. Elas complementam o texto, dando vida aos personagens e ambientes encantados. As imagens vibrantes e detalhadas, ajudam o leitor a visualizar o mundo da fada e realçar a magia presente na história.

A leitura da narrativa de Fernanda Lopes de Almeida, especialmente, de obras como *A Fada Que Tinha Ideias* (1971), pode trazer diversas contribuições significativas para a sala de aula, tanto em termos de desenvolvimento literário quanto educacional. A inclusão dessas obras no currículo escolar, pode incentivar os alunos a desenvolverem o hábito e prazer pela leitura, além de desenvolver a oralidade e expressão, pois proporcionam oportunidades para discussões, análises e desenvolvimento de habilidades literárias.

Acreditamos que estudos como este, são de grande importância para os estudos em literatura, pois exploram a identidade cultural, contribui para a análise de técnicas literárias empregadas pelos autores, permite compreender como as questões sociais influenciam e são influenciadas pela literatura e desempenham um papel importante na preservação e promoção da diversidade literária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **A fada que tinha ideias**. 28. ed. São Paulo: Ática, 2007.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

CUNHA, Maria Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Eliete aparecida de Paula. **Ruptura e renovação no conto de fadas brasileiro**: Emília, clara luz e leitor em parceria lúdica. Orientador: prof. dra. maria de Lourdes abreu de oliveira. 2014. 121 p. Dissertação (Mestrado em letras) - Centro de ensino superior de juiz de fora, Juiz de fora, 2014.

FERNANDA Lopes de Almeida. *In: Fernanda Lopes de Almeida*. [S. l.], 18 out. 2009. Disponível em: https://www.goodreads.com/author/show/73064.Fernanda_Lopes_de_Almeida. Acesso em: 9 out. 2023.

FLORES, Juliana Duarte. **Perspectivas infantis sobre os contos de fadas**: construindo significados. Orientador: prof. dra. Luciana Magalhães Corte Real. 2016. 41 p. Artigo (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAJOLO, Mariza & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1991.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

ROCHA, Maria Conceição Barcelar. **A importância dos contos de fadas para a criança**. Orientador: prof. Emília Helena Portella Monteiro de Sousa. 2009. 48 p. Monografia (Pedagogia) - Universidade federal da Bahia, Salvador, 2009.

ROGÈRIO, Cristiane. Fernanda Lopes de Almeida: aos 7 anos, autora começou a escrever as primeiras histórias. **Crescer**, [S. l.], 11 mar. 2013. Disponível em: www.revistacrescer.globo.com. Acesso em: 9 out. 2023.

SONCINNI, Gabriela Regina. **Ideias novas, desejos esquecidos e busca por**

magia: a figura da fada na literatura infantil. Orientador: prof. dr. Paulo Fonseca de Andrade. 2020. 206 p. Dissertação (Mestrado em letras) - Universidade federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise Dos Contos De Fadas**. 16. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.